

Amor Casamento— e Crime

LESTER VELIE

OS JOVENS que brincavam na água perto do barco não eram rapazes comuns. Um deles assaltara um bar à mão armada; outro, que assaltava sempre de rosto oculto, ficara conhecido como «o bandido da meia»; o terceiro fora traficante de heroína. Na realidade, os sete juntos somavam mais de 30 prisões. Agora estavam lavando os pecados num programa de reabilitação chamado Instituto de Ciências do Mar da Flórida, que usa o fascínio do mar como atrativo para ensinar a delinquentes ofícios ligados a atividades marítimas — mergulho, reparos submarinos, pilotagem e tecnologia de instrumentos náuticos.

Estatísticas americanas revelam que delinquência juvenil e divórcios têm crescido paralelamente. E no âmago deste problema duplamente penoso — pais desempregados

Conversas com os rapazes revelaram suas origens bem diferentes: dois rapagões de 17 anos, queimados de sol, pertenciam a famílias abastadas; vários provinham de famílias operárias, e um era um jovem negro, de família paupérrima. Seus estudos variavam entre os primeiros cinco anos do primário e o primeiro ano da universidade.

A despeito dessa diversidade, haveria um dado comum em suas vidas entrecruzadas, algo que explicasse o comportamento criminoso de todos eles? Encontrei uma pista no Instituto, sob a forma de um memorando escrito havia dois anos. Dos 50 jovens ali internos naquela

época, 75 % vinham de lares desfeitos. Um exame do grupo atual acusava características idênticas. Alguns viviam sós com as mães, outros com padrastos, outros ainda sem pai nem mãe.

Intrigado, consultei a Divisão de Assistência aos Jovens na Flórida, e descobri que a caracterização do problema era geral no estado: mais de dois terços dos delinquentes juvenis de que a instituição se ocupava eram provenientes de lares desfeitos. Um inquérito em instituições corretivas de quatro outros estados revelou o mesmo resultado. Uma apreciação mais detida, em 1971, de delinquentes juvenis negros em Massachusetts, revelou que 71 % deles viviam com a mãe, separada ou abandonada, ou outra mulher da família.

Sem Bússola. Se a ruptura dos casamentos contribui para a delinquência juvenil, a maior incidência de lares desfeitos resultará em maior delinquência. Estará em elevação o índice de separações nas famílias americanas? As estatísticas mostram que um de cada quatro casamentos realizados entre 1931 e 1933 terminou em divórcio. Por volta da década de 1950, este índice aumentara para um de cada três casamentos. Em 1971, chegava a 41 %.

Especialistas do Serviço de Recenseamento acham que isso pode ser apenas uma máxima passageira. Não obstante, avoluma-se o número de crianças que crescem sem a presença de ambos os pais. Por volta de 1970, o índice atingiu 7,6 mi-

lhões abaixo dos 18 anos — o dobro do que fora havia 10 anos. Entre as crianças negras, 40 % não sabem o que seja um lar com a presença de ambos os pais.

Potencialmente, cada uma desses milhões de crianças provenientes de lares desfeitos constitui uma fonte de problemas — para elas próprias e para a sociedade. Veremos por quê. Como os psicólogos concluíram, nos seis primeiros anos de vida o desenvolvimento da criança é influenciado de maneira fundamental pelos pais ou pela falta deles. A família, portanto, é o civilizador e socializador, o agente introdutor dos controles sociais que permitem à sociedade perpetuar-se. Em poucas palavras: a família é o nosso mais poderoso agente da lei. Quando se desfaz, o jovem fica sem bússola para se guiar na vida.

Pesquisadores da Universidade de Cornell descobriram que crianças provenientes de lares onde um ou ambos os pais se encontram ausentes com frequência são «pessimistas em relação ao futuro, mostram baixos índices de responsabilidade e liderança e apresentam mais probabilidades de exibir um comportamento anti-social». As estatísticas refletem como a delinquência juvenil e as separações crescem paralelamente. Na última década, duplicou o uso de drogas por adolescentes. Em 1970 (últimos dados disponíveis), um quarto dos crimes registrados pelo F.B.I. foram cometidos por jovens de menos de 18 anos. Crimes violentos praticados por

adolescentes — assaltos, roubos à mão armada — acusaram um aumento de 160 % em relação à década anterior.

Embora os bairros residenciais da alta classe média venham sendo cada vez mais infiltrados pelo problema, é nos guetos das grandes cidades que o crime e o abuso das drogas praticados pelos jovens alcançaram proporções epidêmicas. Em 1970, adolescentes negros — que constituem apenas 13 % do total abaixo dos 18 anos — representaram 63 % das prisões envolvendo crimes de violência cometidos por menores e 72 % dos assaltos.

Sem Perspectivas. Estimativas de estatísticas mostram que, por volta de 1980, haverá nos Estados Unidos 43 % de adolescentes negros a mais que no presente. Crescerá na mesma proporção a onda do crime?

A resposta está no destino da família negra de nível inferior. Em 1960, uma entre quatro famílias negras era encabeçada por uma mulher divorciada, separada do marido ou abandonada. Hoje, quase uma de cada três famílias negras não conta com a presença do pai (uma entre 10 nas famílias brancas).

Quando não há homem em casa, a criança sente a falta de um protetor, de um modelo. Isto acontece nos bairros melhores, sem dúvida, mas tem mais probabilidades de apresentar consequências perigosas no gueto, onde a mãe também pode estar ausente. Apesar da crença geralmente aceita de que a maioria

das chefes de famílias negras vive da previdência social, na verdade mais da metade dessas mulheres se acha empregada. Discriminadas como mulheres e como negras, ganham menos, e, assim, muitas mulheres negras têm *dois* empregos, o que lhes deixa pouco tempo livre para serem mães.

Por quê um número tão desproporcional de crianças negras sem pai? A resposta é que um número desproporcional de homens negros não têm oportunidade de serem homens. Não podem desempenhar o papel de pai, porque não podem desempenhar o papel de arrimo da família. Durante quatro décadas — com a exceção dos dois anos de grande explosão econômica, 1968 e 1969 — os índices de desemprego dos negros nos Estados Unidos correspondem ao dobro dos registrados para o desemprego geral. Em 1972, quando o desemprego dos brancos era de cerca de 5 %, o dos negros andava pelos 10 %.

Quando o homem não pode trazer o pão para casa, a família tende a dissolver-se em meio a recriminações. Além disso, em 28 estados americanos, se há um homem na casa — mesmo desempregado — a mãe e a criança não podem obter a assistência pública. Assim, muitos pais negros desempregados abandonam o lar para impedir que os filhos passem fome.

A família negra leva ainda uma desvantagem adicional pelo fato de que um enorme número de jovens se vê sem perspectivas para desem-

penhar o papel de homem. Segundo os últimos dados disponíveis, um índice estarrecedor de 32% dos jovens não conseguia trabalho. Esse era o número de jovens registrados nas agências de emprego governamentais. Mas o Departamento do Trabalho americano calcula que, se acrescentássemos a esse número a relação dos desencorajados, que já nem ao menos tentam inscrever-se, o índice de jovens negros desempregados, nas grandes cidades, atingiria 50%!

Jovens desempregados não podem casar-se, e tampouco sustentar uma família. Mas isto não os impede de aumentar o exército das crianças sem pai — como acusam repetidamente os índices de ilegitimidade.

O Que Fazer. Estatisticamente, a revolução negra americana operou mudanças sensacionais: aumento da renda familiar, uma participação mais justa nos melhores empregos. Mas há um detalhe trágico: virtualmente, todo o aumento beneficiou as famílias de classe média, já estáveis, isto é, cerca de metade das famílias negras. As pobres, onde ocorre o maior número de separações e crimes, se estão tornando mais pobres, o que, por sua vez, acelera a dissolução familiar. Hoje, crianças negras, pobres, sem pai, constituem 52% do total das crianças na miséria — entre brancas, mestiças e negras.

Haverá uma saída para o pântano da pobreza, da dissolução familiar — e do crime? Haverá, se a sociedade parar de culpar as vítimas pelas

suas tragédias. O primeiro passo é compreender que, quando um negro tem o necessário para se sustentar, ele consegue manter a família unida. O que falta, então, são empregos para os chefes de família. É esse o núcleo do problema da dissolução da família negra — e do problema da criminalidade.

De acordo com o relatório de 1970 preparado pelo Twentieth Century Fund, uma instituição americana de pesquisa bastante conservadora, a estrutura econômica tem sido permanentemente incapaz de oferecer empregos em número suficiente, com ordenados razoáveis para todos os que desejam trabalhar. A fim de enfrentar essa situação, o Fundo sugere que sejam criados empregos nos serviços públicos para os que não conseguem colocar-se no setor privado.

Mas Primeiro... Os empregos, contudo, devem ser acompanhados de educação e treinamento para o exercício dos mesmos — e a possibilidade de promoção. Fui testemunha, recentemente, de um diálogo entre um entrevistador de um serviço de emprego e um jovem negro à procura de trabalho. «Há aqui um emprego num armazém», disse o entrevistador a um rapaz de 20 anos, alto e forte, que chamaríamos de Samuel. «Você é capaz de preencher ordens de entrega?»

Samuel hesitou.

«Qual é o seu nível de instrução?» perguntou o entrevistador.

«Três anos de ginásio.»

Dei-lhe um jornal. Ele não conse-

guiu ler nem as manchetes. «Mais da metade dos rapazes que vêm até aqui à procura de emprego estão nessa situação», comentou depois o funcionário encarregado de encaminhar os desempregados às colocações disponíveis.

A educação de nível secundário de Samuel não somente falhara em remediar sua deficiência de leitura — resultado da deficiência do ensino na escola primária — como também não lhe proporcionara o aprendizado regular de qualquer ofício. Incapaz de acompanhar o curso destinado a preparar uma minoria de seus colegas para a universidade, Samuel fora atirado para um curso geral que não levava a coisa alguma — nem ao trabalho, nem ao prosseguimento da sua instrução.

Até que se proporcionem empregos e a educação e treinamento necessários, é preciso estabelecer medidas de emergência. Uma delas é o Plano de Assistência à Família. Este programa daria uma renda mínima de 2.400 dólares às famílias de quatro pessoas necessitadas; uma quantia menor, se a família for menor, ou maior, caso ultrapasse os quatro membros. Em estados como o Mississípi — onde a previdência

social familiar atinge em média 720 dólares por ano, ou nem é concedida — o programa impediria que crianças morressem de fome. Nos estados em que os subsídios da previdência excedam o teto federal, o plano encorajaria pagamentos suplementares e atenuaria a sobrecarga que recai sobre os serviços assistenciais dos grandes centros urbanos. Tanto os trabalhadores pobres como os que recebem auxílio estariam protegidos.

Igualmente importante, o programa substituiria o Programa de Ajuda às Crianças Necessitadas, que destrói famílias fazendo que pais desempregados abandonem o lar. Estima-se, finalmente, que o programa criaria 225.000 oportunidades de treinamento para a obtenção de trabalho, infantários para 875.000 crianças — e 200.000 empregos no serviço público.

A Comissão Presidencial para o cumprimento das leis intitulou seu relatório de 1967 «O Desafio do Crime Numa Sociedade Livre». Este é um desafio para que se encare de frente o que está acontecendo nesse principal agente da lei que é a família — e para que se faça algo a respeito.



A ATRIZ e humorista francesa Jacqueline Maillan ouviu o discurso de um candidato à Prefeitura no início da sua campanha eleitoral. Brotada «do fundo do coração», a fala começava assim: «Quando ingressei na política, contava apenas com a minha inteligência, em outras palavras, não contava com coisa alguma.»

— *Paris-Match*